



Caça-Vento, Vida-sub & Bicho do Mato e a educação ambiental através das gerações: Espaços não formais de educação

Fernando Henrique Puertas Gonçalves¹

Marcos Chiquitelli Neto²

Carolina Buso Dornfeld³

Claudia Zukeran Kanda⁴

Murilo de Souza Queiroz⁵

Luciano Alves dos Anjos⁶

Resumo: A preservação e conservação ambiental são temas abordados diariamente atualmente e fazem cada vez mais parte do cotidiano de toda sociedade, partindo disso surge o Projeto Caça-Vento, Vida-sub & Bicho do Mato que têm como foco promover a aproximação da sociedade civil aos elementos ambientais, despertando a consciência da preservação. Mais especificamente nesse estudo são abordadas visitas que abrangem um vasto tipo de público que vão de crianças, passando por alunos especiais e por fim a terceira idade, esses dois geralmente negligenciados no assunto em questão, a Educação Ambiental. O estudo foi pautado na fenomenologia e traz informações importantes a cerca da percepção ambiental dos participantes de várias gerações, além de mostra a eficácia dos espaços não formais de educação no aprendizado dos mais variados tipos de públicos.

Palavras chave: Espaço não formal de educação. fenomenologia. educação ambiental.

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestrando em Ecologia Aplicada da Universidade Federal de Lavras. Email: fernandopuertas@rocketmail.com

² Universidade Estadual Paulista - Campus de ilha solteira. Email: machine@bio.feis.unesp.br

³ Profa. Dra. Carolina Buso Dornfeld. Depto de Biologia e Zootecnia-UNESP - Câmpus de Ilha Solteira. Email: carolina@bio.feis.unesp.br

⁴ Universidade Estadual Paulista - Campus de ilha solteira.

⁵ Universidade Estadual Paulista - Campus de ilha solteira.

⁶ Universidade Estadual Paulista - Campus de ilha solteira.

Abstract: The preservation and conservation issues are addressed on a daily basis and are currently increasingly becoming part of everyday life for all of society, from this comes the project Caça-Vento, Vida-sub & Bicho do Mato that focus on promoting civil society approach to the environmental elements, raising awareness of preservation. More specifically this study are addressed visits covering a wide type of audience ranging from children undergoing special students and finally old age, these two often overlooked in the subject matter, Environmental Education. The study was grounded in phenomenology and provides important information about the environmental perception of the participants from various generations, and shows the effectiveness of the non-formal spaces education in the learning of all kinds of audiences.

Keywords: Non-formal space education. phenomenology. environmental education.

Introdução

De acordo com Souza (2005a) as palavras preservação, conservação, sensibilização e conscientização passaram a ser parte integrante do dia-a-dia das pessoas envolvidas com a área. Gerou-se a busca de uma mudança positiva em relação ao meio ambiente. Não só em relação a questão ambiental, mas a todos os fatores que vem a constituir o alicerce de uma sociedade, a ética, moral, a justiça e vários outros fatores que solidifiquem o exercício da cidadania. Contudo, para que essas mudanças ocorram é imprescindível a atuação de um elemento fundamental neste processo: o ser humano. Porém, esse ainda vive isolado da natureza, assumindo uma postura egocêntrica, sendo necessária a intervenção através da Educação Ambiental (EA), para que então ocorra uma mudança de atitudes.

De acordo com Rosales (2005), é hora de começar a pensar ecocêntricamente:

É hora de começar a pensar em melhorar nossa qualidade de vida, começando a melhorar nossa qualidade de pensamentos, colocando nosso alicerce nas relações de qualidade com a natureza.

Nessa perspectiva a EA mostra-se um meio e uma ferramenta de extrema importância para que haja essa mudança de comportamento.

Em 1956 Fromm disse que as pessoas não recebem e não sentem as informações de igual forma, por isso reagem de maneiras diferentes. Os sentimentos, emoções e as situações podem ser comuns a todos, contudo a forma de recepção varia de pessoa para pessoa e a intensidade com que a informação é recebida também. Uma palavra áspera pode não significar nada para alguns, mas pode causar rimbos na alma de outros.

É importante também ter em mente que o ser humano é sensorial, aprende com os sentidos e com a percepção. É lúdico, é emocional. Gravam-se mais o que é vivenciado do que o que é visto, lido ou ouvido (SOUZA, 2005b).

Hendricks (1991) afirma que o ensino que causa impacto é aquele que sai de coração para coração. Isso engloba a totalidade do ser. Quando a informação atinge o coração humano automaticamente ele adota a idéia.

Um programa de educação ambiental que trate o ser humano com o respeito e cuidados dedicados aos outros elementos naturais com certeza obterão resultados satisfatórios. Porém evidencia-se a necessidade de se ampliar os conhecimentos sobre abordagens, sensibilização e relacionamento interpessoal para melhor interagir com o ser humano, mostrando-se então de suma importância projetos como o que é apresentado no presente trabalho.

Todavia, é necessário levar em conta que esse processo de sensibilização através da introdução do ensino e conscientização ambiental na formação básica de um cidadão não é algo que ocorre e se elabora em curto prazo, é um trabalho árduo e de integração do ser humano ao meio.

A partir do momento que o ser humano é visto como parte integrante do meio ambiente, o educador ou gerente ambiental, além de gerenciar os recursos naturais, poderá gerenciar as relações interpessoais e as relações do ser humano e natureza.

Com isso surge paradigma ecológico, um novo modelo que se conforma neste contexto de crise, demonstra que, em oposição ao positivismo, reducionismo e cientificismo, deflagram-se novos valores, princípios e ferramentas metodológicas fundamentadas nas perspectivas inter e transdisciplinar, no holismo e na complexidade presente nas relações Homem – Natureza (CURADO, 2005).

Observa-se, então um antagonismo do que foi passado para a grande população dos séculos anteriores, necessitando que haja uma mudança extremamente brusca e imediata, caracterizando uma quebra difícil de rotina, ou até mesmo de conforto, que a sociedade atual se habitou.

A despeito da inesgotável capacidade inovadora e transformadora de nossa população, nossa história está repleta de episódios em que as amplas camadas sociais desempenham um papel de meros figurantes, como se a nação fosse constituída de súditos, não de cidadãos. Em pleno século 21, no generoso contexto oferecido pelas

relevantes conquistas do século 20 em nível global, a postura dos habitantes do planeta não pode ser outra que a de protagonistas da própria história, a população tem o poder de optar por qual caminho seguir, por qual estilo de vida preferir, ações essas que abrangem a cidadania, a cultura ou o meio ambiente (HANY, 2005).

À partir de todos esses fatores as atividades dos programas Caça-Vento, Vida-Sub e Bicho do Mato têm como foco promover a aproximação da sociedade civil aos elementos ambientais, despertando a consciência da preservação e utilização sustentável dos nossos recursos naturais e promovendo o bem-estar das pessoas e dos animais que convivem nessa região.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento desse projeto surgiram a partir de uma necessidade inerente ao município de Ilha Solteira, que é a escassez de projetos de cunho ambiental e para comprovar essa escassez em 2011 foi realizado um levantamento nas escolas do município para avaliar quais e quantos projetos com essa temática existiam na cidade.

O presente levantamento foi realizado nas escolas estaduais, na Secretaria de Educação (responsável pelas Escolas Municipais de Ensino Fundamental – EMEFs) e no Departamento de Turismo do município de Ilha Solteira, visando identificar os projetos e programas de meio ambiente atuantes nas escolas, com os alunos como público alvo e os projetos e programas de meio ambiente atuantes na cidade apresentando como público alvo a população em geral.

Seguem listadas abaixo na Tabela 1 as escolas e os respectivos projetos e programas de ou sobre o meio ambiente presentes em cada uma delas.

Tabela 1. Relação dos programas ambientais das escolas de Ensino Fundamental e do Município de Ilha Solteira – SP.

ESCOLAS	PROGRAMA AMBIENTAL
ESCOLAS MUNICIPAIS	
Escola 1	Disciplina de Educação Ambiental
Escola 2	Disciplina de Educação Ambiental
Escola 3	Disciplina de Educação Ambiental
ESCOLAS ESTADUAIS	

Escola 4	Oficinas Pedagógicas (Água, Resíduos da Tecnologia, Petróleo e Todo Produto tem sua História)
Escola 5	Não apresenta
ESCOLAS PARTICULARES	
Escola 6	Acampanglo
Escola 7	Não apresenta
Escola 8	Usina Ecoelétrica
PROJETOS MUNICIPAIS	
Ilha Solteira	Semana do Meio Ambiente e Cidade Limpa

Assim, com esse levantamento pôde-se observar a escassez de programas ambientais nas escolas e no próprio município, os programas existentes mostraram-se pontuais e de natureza teórica, não havia contato com a natureza, não existia a parte prática em si.

Objetivos

- Realizar levantamentos de ambientes, avaliando seu potencial de uso para educação ambiental;
- Aproximar as pessoas da vida ao ar livre e
- Promover a conscientização da importância da preservação ambiental.

METODOLOGIA

A análise metodológica empregada em todos esses anos trabalhando e convivendo com os participantes do projeto, é a análise calcada na fenomenologia, onde se pretende lançar um primeiro olhar para compreensão do indivíduo em contato com a natureza. Foram observados gestos, falas, olhares. Sem realizar entrevista com os participantes. Baseando-se em Bicudo e Espósito (1997), a realidade é o compreendido, o interpretado, e o comunicado. A fenomenologia vem ao encontro da necessidade de se compreender o fenômeno e não analisá-lo para se realizar um julgamento.

Com isso temos então uma análise qualitativa dos dados e das experiências vivenciadas, já que segundo Mucchielli (1991, p. 3):

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam, fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos “fatos humanos”.

Mais especificamente a metodologia referida, a fenomenologia, Creswell (1998) a descreve como sendo a “*descrição das experiências vividas*” de vários indivíduos em relação a um fenômeno, em busca sempre da “essência” do momento vivido, do seu significado. Essa “essência” provém do que a experiência significa para cada pessoa, ou seja, a idiossincrasia de experiências e descrições dessas, que pode vir a construir significados gerais, compõe e dá forma a essa “essência”, ou a base da experiência vivenciada (MOUSTAKAS, 1994). Com isso, a metodologia empregada busca analisar e interpretar, com o uso da autorreflexão, todas as experiências que o pesquisador vivenciou ao longo de três anos de participação no projeto.

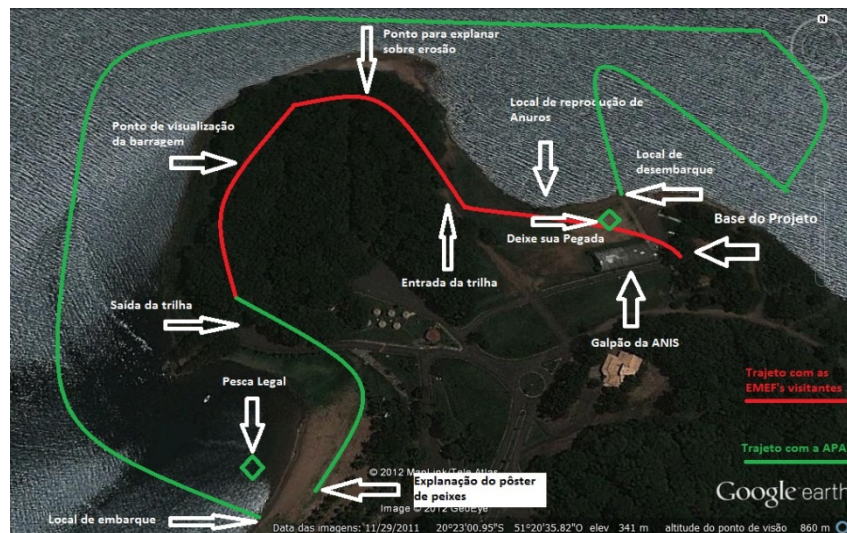
Portanto, os momentos, os depoimentos, as atitudes, os gestos e as reações mais marcantes foram analisados e interpretados de modo a tentar expressar o que a pessoa que estava em contato, com alguma atividade, com a natureza ou até mesmo com outras pessoas, expressava sentir do ponto de vista do pesquisador.

Desenvolvimento

- 1) Público – alvo: público em geral
- 2) Agendamento: foi realizado junto a cada escola, sendo realizadas em setembro e outubro de 2012. Foram agendadas visitas de 3 escolas municipais, totalizando 107 (cento e sete) alunos, bem como de uma escola particular, com 30 (trinta) alunos. Além disso, o projeto recebeu o agendamento da APAE e do Lar do Idoso Paulo de Tarso de Selvíria – MS, contando com a presença 60 (sessenta) e 25 (vinte e cinco) participantes, respectivamente.
- 3) Local: o encontro com os alunos e com os idosos se realizou na Praia Marina, na Base do Projeto Caça-Vento, Vida-Sub & Bicho do Mato.

- 4) Percurso: a Trilha do Sagui consiste em uma trilha de 1,4 km que vai da Praia Marina até a Catarina em meio aos angicos, plantados pela CESP, como forma de compensação pela construção da barragem em Ilha Solteira (Figura 1).

Figura 1. Esquema da Trilha do Sagui e seus principais pontos, e os diferentes trajetos realizados pelas EMEF's e pela APAE



5) Abordagem:

Com as escolas visitantes primeiramente os pôsteres presentes na base foram expostos. Esses materiais tratam sobre os mais diversos assuntos relacionados a fauna local, um de peixes detalhando cada espécie e o tamanho mínimo de captura, um sobre anfíbios e répteis, destaque para o de anfíbios (BARROS *et. al.*, 2008) que foi um levantamento realizado pelo grupo MANERA, Núcleo de Manejo Racional, grupo esse coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Chiquitelli Neto e composto por alunos dos cursos de Ciências Biológicas e Zootecnia da UNESP Campus de Ilha Solteira. Um sobre aves, um sobre mamíferos, comprovado também com um levantamento na região e também realizado pelo grupo MANERA (QUEIROZ *et. al.*, 2011), um pôster relacionado a localização geográfica das praias e a bacia do Paraná e seus afluentes. Toda a explicação e conversa com as crianças é realizada por meio de um megafone em punho do monitor responsável (Figura 2 e 3). Vale ressaltar que esse aparato se utilizado de maneira correta auxilia a prender a atenção das crianças e mostrou-se muito útil em todas as visitas até o presente momento.

Figura 2. Auxílio do megafone na exposição dos pôsteres



Figura 3. Auxílio do megafone na Trilha do Sagui



6) Enfoques trabalhados na trilha:

Em seguida, foi realizada a trilha explorando a diversidade de flora, já que consiste em um reflorestamento no qual a maioria das espécies são angicos (*Anadenanthera* sp.). Antes de adentrar a mata de angicos, os visitantes passam por uma área de reprodução de anfíbios em época de chuva, pois se trata de um local alagável e com a presença de

gramíneas rasteiras, propiciando uma variedade de espécies de anuros naquela região (BARROS *et al*, 2008).

Outra questão explorada na Trilha do Sagui é principalmente a da ação antrópica, com a presença de carros compactando o solo e a poluição, podendo observar vários tipos de lixos descartados ao longo do caminho. A presença de animais naquele local também é evidenciada, contudo nem sempre é garantido o avistamento de algum, os mais comuns de serem vistos, são saguis (*Callithrix* sp.), pica-pau-branco (*Melanerpes candidus*), pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*), pica-pau-de-banda-branca (*Dryocopus lineatus*) e lagartos, ou conhecidos também como calangos (*Tropidurus* sp.).

Próximo ao local onde são realizadas as atividades encontra-se Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, uma obra da CESP (Companhia Energética de São Paulo), sendo uma das maiores barragens do Brasil. Sendo assim, a barragem é outro fator importante a ser destacado, já que a trilha oferece uma vista direta a ela, a erosão que ocorre e as árvores nas margens da trilha também são outros fatores interessantes a serem destacados. Na caminhada geralmente quatro monitores acompanhavam, o que possibilitou maior segurança dos participantes, além de auxiliar na condução e organização do grupo na trilha e ser de fundamental importância para trabalhar as informações dos principais pontos da trilha.

As visitas realizadas posteriormente, da APAE e do Lar do Idoso, consistiam basicamente no mesmo padrão, contudo apresentavam alguns módulos a mais. Na visita da APAE, foram realizados os módulos Pesca Legal, que consisti em uma brincadeira com peixes de plástico e varas simples de bambu, o participante então pesca os peixes de brinquedo, que estão na própria água do rio envoltos por uma mangueira de borracha para não dispersarem, e nesses peixes contém informações escritas, o nome vulgar da espécie e o tamanho, então o participante tem que decidir se solta ou captura os peixes, com base nas informações passadas anteriormente pelos monitores com o auxílio de um pôster. A outra atividade realizada foi a do Deixe Sua Pegada, que consisti na elaboração do molde das mãos dos participantes com gesso, o participante deixa a marca da sua mão na própria areia da praia e então essa marca é preenchida com gesso criando o molde, por conseguinte, é explanado que essa técnica é a mesma utilizada para realizar molde de pegadas da mastofauna encontradas em qualquer região. A seguir são relatadas ambas as visitas.

Na visita com os alunos da APAE, a metodologia adotada durante a recepção dos alunos e durante a trilha foi a mesma utilizada com as EMEFs, porém em alguns momentos com uma linguagem um pouco mais simplificada, tentando resumir mais alguns fenômenos naturais, como por exemplo, a erosão, ou a baixa diversidade de espécies arbóreas, entretanto alguns módulos adicionais foram realizados além da Trilha do Sagui e da exposição de pôsteres. Antes de iniciarem a trilha, participaram do módulo Deixe sua Pegada, no qual todos os participantes da caminhada realizaram o molde de suas mãos, ao término do evento esses moldes foram recolhidos pelos monitores e encaminhados a APAE. Ao terminar a trilha, os alunos foram encaminhados até a Praia Catarina, foram direcionados e sentaram-se em algumas mesas dispostas na areia, lá receberam informações sobre os peixes, para realizarem o módulo Pesca Legal, contudo essa atividade teve um cunho mais voltado ao lazer do que ao trabalho com informações de Educação Ambiental, já que foi observada certa impaciência durante a exposição do pôster. Em seguida, foi programado o retorno a Praia Marina com um lancha de apoio emprestada por um membro da ANIS⁷, os alunos foram auxiliados por quatro monitores na vestimenta dos coletes salva-vidas e no embarque a lancha, que deixava a Praia Catarina, fazia um pequeno percurso em torno da Praia Marina, e deixava os alunos na rampa de embarque dessa praia. Ao desembarcarem, eram direcionados a base do projeto, para fazer uma refeição, preparada pelos seus familiares e trazidas pelos próprios alunos, e já retornar a APAE, localizada na cidade.

Paralelo à realização do Deixe sua Pegada, da Trilha do Sagui, da Pesca Legal e da Volta de Lancha, os alunos cadeirantes, impossibilitados de realizarem a trilha, puderam utilizar das cadeiras anfíbias disponibilizadas pela Guarda Municipal de Ilha Solteira, além de contar com os monitores, alunos da Universidade, no auxílio dessa atividade dos cadeirantes no rio, a Guarda disponibilizou dois oficiais responsáveis, um pelas cadeiras e o outro por um barco de apoio que estava presente, cedido também pela Guarda, foram disponibilizadas o total de dez cadeiras anfíbias, todas elas ficaram alojadas no galpão da ANIS localizado na Praia Marina.

O evento com o Lar do Idoso Paulo de Tarso de Selvíria – MS, foi um dia diferente para o projeto já que, apenas foi realizada uma volta de barco, esse disponibilizado pelo Corpo de Bombeiros de Ilha Solteira. Os idosos foram levados para alguns pontos

⁷ Associação Náutica de Ilha Solteira

principais do Rio Paraná, como por exemplo, a parte da junção do Rio São José dos Dourados com o Rio Paraná, a Praia dos Magos, localizada na margem do Mato Grosso do Sul, em Selvíria e então o retorno e desembarque na Praia Marina. Outra atividade muito importante realizada foi o plantio das mudas de árvores nativas cedidas pela CESP⁸. Vale ressaltar que nesse dia as informações foram coletadas por meio de conversas informais e depoimentos de vários idosos, sempre buscando entender e saber como era a concepção ambiental desses quando mais jovens, em uma época que essa preocupação com o ambiente não era tão vigente quanto é hoje.

Houve confraternização no café da manhã e almoço e o evento terminou com o plantio das mudas realizado pelos próprios idosos participantes.

Resultados e discussão

Destaca-se a importância das práticas realizadas que servem como uma metodologia para a Educação Ambiental em ambiente não formal de educação, que estimulam o aluno a formar mecanismos lógicos relacionados à sua experiência pessoal para compreender os processos que ocorrem a sua volta, dando assim passos importantes no “caminho científico” (CAZELLI, 1992). Estas adaptações metodológicas são importantes para estimular o convívio do aluno com os conteúdos aprendidos em sala (SONCINI & CASTILHO JR. 1990).

Dentre as visitas, podem-se destacar as visitas realizadas pelas EMEFs 2 e 3 e pela escola particular. O resultado dessas visitas foi extremamente interessante, havendo troca de informações intensas entre o monitor e os visitantes, vale destacar o depoimento de um aluno durante a apresentação do pôster de répteis e anfíbios, relatou de seu pai ter matado uma serpente, devido o fato de essa ter caído em cima dele durante sua noite de sono. Esse depoimento foi extremamente difícil de ser discutido, já que é complicado dizer qual seria a maneira correta de agir em uma situação dessas, entretanto mostra talvez uma condição não tão adequada de moradia para essa criança, sendo assim talvez o melhor ponto a ser explorado. Além desse, vários outros depoimentos foram realizados pelos alunos, pode-se destacar que mais três alunos tiveram experiências com serpentes e todos compartilhavam da mesma opinião que era um animal extremamente perigoso e que

⁸ Companhia Energética de São Paulo

deveria ser morto. Outro fator importante a ser destacado é a falta de conhecimento da fauna existente na região, quando questionados sobre quais animais existiam na região onde moravam, muitos falaram em espécies exóticas, tais quais como leões, tigres, ursos e muitas outras associadas a savanas africanas. Relatos assim demonstram um grande desconhecimento dos alunos sobre a própria região, mostrando então que projetos voltados para a biodiversidade regional podem ser mais explorados.

Outra visita planejada extremamente interessante e enriquecedora foi a da APAE. Havia um receio mútuo entre os professores da Associação e os monitores do projeto, justamente pelas professoras nunca ter levado esses alunos com algum tipo de deficiência em um ambiente aberto e natural e pelos monitores nunca terem tido contato com esse público, mostrando assim uma defasagem no ensino para pessoas com deficiência. O resultado dessa visita não poderia ter sido melhor, era claro na reação de cada participante a alegria e a satisfação de estar em contato com a natureza, de estar em contato com a água e com pessoas diferentes. Apenas algo um pouco diferente, pode significar um passo muito grande a essas pessoas com alguma deficiência, entretanto em relação a abordagem e a metodologia das trilhas e da exposição de pôster nada foi alterado, inclusive a abordagem com o megafone, comentado anteriormente, foi utilizada. Essa visita com certeza, será lembrada por ambas as partes, pela APAE por não possuir nenhum programa ambiental e nenhuma atividade semelhante e pelos monitores do projeto que vão carregar esse momento e essa experiência em suas vidas profissionais.

Ainda nas visitas, pode-se ressaltar também a presença do Lar do Idoso Paulo de Tarso de Selvíria – MS na base do projeto.

Com esse tipo de público o receio de trabalhar era maior ainda, pelo fato de não haver experiência dos monitores com participantes dessa faixa etária, porém no decorrer do evento os voluntários perceberam a necessidade de atenção e diálogo de cada participante, podendo assim atendê-los de maneira específica e aprender um pouco com o relato e história de cada um. Destaque para o depoimento de um idoso, que declarou ter vivido por doze anos como caçador no Paraguai, tirando seu sustento do abate de animais silvestres, atividade que desde 1967 é proibida no Brasil (BRASIL, 1967). Contudo, não há como repreender ou tentar inibir o que já foi feito, já que não a muito tempo atrás a preocupação com o ambiente era mínima, o ser humano era extremamente extrativista e mecanicista (CARSON, 1962; HARRISON, 1964).

Em suma, todas essas visitas e passagens pela base do projeto sempre tiveram um retorno positivo, tanto para o visitante quanto para o monitor, caracterizando uma aprendizagem mútua, na qual o visitante aprende mais sobre o ambiente e a região e o monitor aprimora cada vez mais sua abordagem ao grande público.

Prova desse crescimento mútuo são os depoimentos cedidos pelos monitores/voluntários participantes do projeto.

Assim, a partir dos depoimentos coletados pode-se observar certa apreensão dos monitores em um primeiro contato, já que a maioria relata de primeiro instante ter a necessidade de uma atenção especial por se tratar de um ambiente aberto. *“Por ser em um ambiente aberto, o professor ao participar do evento, necessita de cuidados especiais na interação com os jovens”*. *“...o medo de não saber a reação deles diante de alguma atividade, e a minha insegurança em relação ao comportamento deles...”*. *“A principal dificuldade foi saber como amenizar a inquietude delas, e fazê-las voltar a atenção ao real propósito do projeto, deixando brincadeiras e distrações adversas de lado...”*.

Contudo, existe de certa maneira uma generalização em relação a satisfação de participação no evento, já que os monitores presenciaram as diferentes emoções e reações de cada participante nos módulos fazendo com que se sentissem gratificados por participar daquele momento, fazendo com que superassem as adversidades e dificuldades de um evento de tal magnitude. *“A felicidade que certos alunos demonstraram em poder entrar no rio, às vezes pela primeira vez, recompensa todo trabalho e dificuldade enfrentada”*.

Outro assunto que foi bastante destacado em meio as declarações dos monitores, foi a visita desse ano dos alunos da APAE, deixando os monitores muito satisfeitos ao trabalhar com esse tipo de público e até mesmo rompendo algumas barreiras de preconceito, medo e receio de contato com pessoas com deficiência. *“Já se tratando de relações específicas, a vinda dos alunos da APAE de Ilha Solteira mudou meu ponto de vista sobre valores da vida”*. *“A experiência de como ajuda-los a colocar a mão na areia, ou mesmo o jeito que uma criancinha que não possuía nenhuma coordenação motora fez ao sentir a areia nos pezinhos, isso não tem preço”*. *“As atividades desenvolvidas com crianças e adultos especiais da APAE foi uma superação, contribuindo para a quebra de preconceitos substituindo o sentimento de medo, pena, por empatia, solidariedade e respeito”*.

A surpresa de perceber que não é necessária nenhuma metodologia especial para lidar com um público diferenciado, nos casos da APAE e do Lar do Idoso, foi um sentimento compartilhado pelos monitores. *“Percebi que não é necessário o uso de “técnicas especiais” para lidar com indivíduos portadores de algum tipo de deficiência, afinal, mesmo que com alguma limitação, são tão capacitados quanto os demais. Além disso, ver o entusiasmo de uma criança em ter aprendizagens e experiências não habituais, ou de um idoso por poder compartilhar sua história, mostrou como pequenas ações podem ser significativas”*. Deve-se salientar que foram tomados cuidados específicos em relação ao transporte e deslocamento desses participantes.

Ainda, o projeto contribuiu para alguns monitores, passarem a usufruir e apreciar mais as belezas naturais da região de Ilha Solteira, já que a maioria dos monitores são universitários vindos de outras cidades que muitas vezes não tem uma paisagem como essa. *“Além disso, a oportunidade do contato com um ambiente totalmente novo, como por exemplo, o rio e a paisagem bucólica do local, que se torna algo surpreendente para uma pessoa que somente tinha contato com as paisagens conturbadas e caóticas de uma cidade tão grande como São Paulo. Acredito que meu amor pelo local nasceu com o projeto”*.

Apesar dos esforços e de todo o trabalho desenvolvido pelo projeto, ainda existem alguns contra-pontos que constantemente dificultam a ação modificadora proposta. Alguns desses contra-pontos são: uso de drogas em várias localidades, refeições em locais inadequados e som extremamente alto de carros que trafegam pelas margens do Rio Paraná e dentro dos fragmentos de matas nas regiões em torno das praias, dificultando assim toda e qualquer proposta pelo projeto. Outro fator a ser destacado é o excesso de lixo nas praias após o acontecimento de alguns eventos organizados na região.

Figura 4. Lixo deixado após evento Inter Unesp de MPB 2010, realizado na região da Praia Marina.



Outro agravante registrado foi a presença de tratores roçando as margens das praias Marina e Catarina, exatamente em locais característicos para a reprodução de anuros (BARROS, 2008). Além de roçar essas áreas de importância ecológica, o resíduo que restava era deixado na própria margem, fazendo com que qualquer chuva que ocorresse arrastasse todo esse resíduo para o rio.

Figura 5. Dois tratores roçando as margens da praia Catarina em um sítio de reprodução de anuros.



Com áreas mais abertas, devido ao roçamento das margens do rio, vários cachorros começaram a invadir e andar por esses locais. A presença de animais domésticos pode afetar a comunidade mastofaunística local e também a herpetofauna, como por exemplo, na transmissão de doenças infecciosas, predação, competição, extinções locais e diversos efeitos indiretos no funcionamento do ecossistema através das cadeias tróficas (WHITE *et al.*, 2006).

Espartosa (2009) alerta sobre a necessidade de considerar o cão doméstico como um fator importante para deterioração da biodiversidade e seus dados de apontou que estratégias que enfoquem a estrutura da paisagem podem auxiliar na redução dos impactos causados pelos cães domésticos, uma vez que estes parecem se deslocar com maior dificuldade em regiões de maior quantidade de mata e se mantêm principalmente na borda dos remanescentes.

Figura 6. Cachorros sendo atraídos para as regiões das margens, devido à maior exposição dessas.



Considerações finais

Por meio de todas as atividades realizadas, do contato com o público e de relatos dos próprios monitores que auxiliaram na organização das atividades, pode-se depreender que o ambiente em que a base do projeto está instalada apresenta um alto potencial para o desenvolvimento de atividades de cunho ambiental, entretanto ainda há muito a ser explorado nessa localidade, outras trilhas podem ser abertas e levantamentos florísticos e faunísticos podem ser realizados para enriquecer ainda mais as experiências relatadas nesse artigo.

Por conseguinte, o contato com a natureza que os participantes puderam vivenciar foi muito intenso, sendo possível observar essa intensidade em cada gesto e expressão efetuados por cada um deles, principalmente com o público diferenciado, no caso da APAE e do Asilo, sendo esses públicos um pouco esquecidos em eventos de temática ambiental.

Em suma, pode-se observar que foi possível promover a conscientização ambiental nos mais variados tipos de públicos, atingindo com sucesso o propósito do trabalho e de todo o projeto.

Referências

BARROS, G. A. C.; KANDA, C. Z.; PEDRAZZOLI, M.; CHIQUITELLI NETO, M., 2008 **Diversity of anurans in the region of beaches of Ilha Solteira- SP**. In: VI World

Congress of Herpetology, 2008, Manaus. VI World Congress of Herpetology. Manaus. p. 132-133.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C., 1997. **Um Seminário Avançado em Fenomenologia**. São Paulo: EDUC, 160 p.

BRASIL, 1967. **Lei de Proteção à Fauna**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5197.htm>. Acesso em: 07 out. 2012.

CARSON, R., 1962. **Silent Spring**. Houghton Mifflin Company, Boston.

CAZELLI, S., 1992. **Alfabetização científica e os museus interativos de ciência**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação PUC/RJ. Dissertação de Mestrado.

CRESWELL, J., 1998. **Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Traditions**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

CURADO, F. F., 2005. Educação Ambiental Integrada. In: ROESE, A. D.; CURADO, F. F. **Contribuições para a Educação Ambiental no Pantanal**. Corumbá: Embrapa, p. 20-21.

ESPARTOSA, K. D., 2009. **Mamíferos terrestres de maior porte e a invasão de cães domésticos em remanescentes de uma paisagem fragmentada de Mata Atlântica: avaliação da eficiência de métodos de amostragem e da importância de múltiplos fatores sobre a distribuição das espécies**. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo. 127 f.

HANY, A. S., 2005. Educação Ambiental Integrada. In: ROESE, A. D.; CURADO, F. F. **Contribuições para a Educação Ambiental no Pantanal**. Corumbá: Embrapa. p. 22-23.

HARRISON, R., 1964. **Animal Machines: The new factory farming industry**. Vincent Stuart Publishers, London.

HENDRICKS, H., 1991. **Ensinando para transformar vidas**. Venda Nova: Ed. Betânia, 143 p.

MOUSTAKAS, C., 1994. **Phenomenological Research Methods**. Thousand Oaks. CA: Sage Publications.

MUCCHIELLI, R., 1991. **Les Méthodes Qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France.

QUEIROZ, M. S.; CHIQUITELLI NETO, M.; PUERTAS-GONÇALVES, F. H.; KANDA, C. Z., 2011. **Levantamento das espécies de mamíferos terrestres de médio e grande porte em um fragmento do médio Paraná**. In: X Congresso de ecologia do Brasil, São Lourenço.

ROSALES, A. V. M. de., 2005. Cuidado: Sob Risco de Extinção. In: ROESE, A. D.; CURADO, F. F. (Comp.). **Contribuições para a Educação Ambiental no Pantanal**. Corumbá: Embrapa. p. 11-13.

SONCINI, M.I. e CASTILHO, M., 1990. **Biologia. Série: Formação de Professores**. S. Paulo: Cortez.

SOUZA, R. G., 2005a. Educação Ambiental Integrada. In: ROESE, A. D.; CURADO, F. F. **Contribuições para a Educação Ambiental no Pantanal**. Corumbá: Embrapa. p. 17-19.

SOUZA, S. de L., 2005b. Educação Ambiental Integrada. In: ROESE, A. D.; CURADO, F. F. **Contribuições para a Educação Ambiental no Pantanal**. Corumbá: Embrapa. p. 24-25.

WHITE, E.M.; WILSON, J. C.; CLARKE, A. R.; 2006. **Biotic indirect effects: a neglected concept in invasion biology**. Biodiversity Research 12: 443-455.